

EDITORIAL

EQUIPAMENTO DE ANESTESIA NACIONAL

Todo o material que se dispunha para a administração de anestésias, até a alguns anos atrás, era importado de diversas procedências. Dificuldades de toda a ordem, por diferença de standardização ou por falta de reposição e reparo de peças, tornavam onerosa, precária e improvisada a manutenção da aparelhagem destinada a anestesia.

Se as dificuldades individuais dos anestesistas eram grandes, para a conservação do próprio material, enormes eram os problemas dos aparelhos de Hospitais que, adquiridos por quantias vultosas, não recebiam a assistência técnica indispensável.

Há pouco mais de dez anos, a não ser alguma oficina que se encarregasse de reparar aparelhos, nada existia em matéria de equipamento nacional para o anestesista. Era comum a manutenção de anestesia sob máscara, com o anestesista segurando o queixo do paciente por falta de presilha de segurança; as cânulas oro-faríngeas, então em grande uso, eram raras. Traquéias e balões de borracha, pareciam farrapos, tantos eram os remendos de esparadrapo. Um anestesista que, para exercer sua profissão, precisasse se deslocar por várias clínicas, parecia um vendedor ambulante, tais as traquitanas que precisava transportar.

De então para cá, alguns pioneiros, entre os quais se incluem destacados colegas, começaram desinteressadamente, a fabricar peças para uso em anestesia, mais com a finalidade de suprir falhas e atender aos reclamos da necessidade, do que por razão lucrativa. Começou assim, a existir, lenta e progressivamente, um suprimento razoável de conexões metálicas e partes de borracha.

Aos poucos foram se desenvolvendo os aparelhos portáteis de anestesia, ainda com algumas partes importadas, válvulas não reinalantes, laringoscópios, etc.

Partindo das tentativas iniciais, dos primeiros aparelhos com algumas imperfeições, aos poucos foi possível a construção de material capaz de suprir as necessidades. A produção ganhou qualidade e já tem-se bom acabamento e pre-

cisão técnica, chegando-se até a fabricação de aparelhos de ventilação pulmonar; assim mesmo, não havia o suprimento total de um mercado em franca evolução.

Dos primeiros passos incertos e improvisados, chegou-se ao aperfeiçoamento e a instalação de uma verdadeira indústria nacional de equipamento de anestesia. Se por enquanto, não temos condições de competir, em acabamento, com o material congênere estrangeiro, isto se deve a que, em outros países, esta indústria já se firmou a mais tempo e conta porisso com mais experiência. Mas vale assinalar que, dadas as condições existentes entre nós, já se criaram aparelhos tipicamente brasileiros para se adaptar as exigências do nosso meio. Hoje em dia, pode-se dizer que, com exceção de material altamente especializado, e sondas endotraqueais, dispomos de equipamento apropriado de fabricação nacional, capaz de satisfazer as exigências clínicas.

Estas considerações foram ditadas por uma consulta recebida pela S.B.A. da Carteira de Comércio Exterior sobre a existência de material nacional, similar com aparelhagem estrangeira, para uso em Anestesia. Tal consulta foi feita devido a existência de uma lei de similares que grava os produtos estrangeiros quando há similar nacional visando a proteção de nossa indústria. Como não podia deixar de ser, uma comissão escolhida pelo secretário da Sociedade, respondeu aos quesitos do inquérito, referindo a existência de tudo aquilo que aqui se faz.

Não caberia nesta resposta a comparação com o equipamento advena, até porque, não era disto que se tratava. Mas, mesmo que fôsse não poderia ser outra a resposta da Sociedade, numa atitude patriótica, para defender o progresso da indústria brasileira, que de outra maneira, não poderia evoluir ou mesmo sobreviver.

Ainda agora, parece que o Ministério da Saúde num empréstimo governamental, pretende equipar Hospitais Federais em todo o território nacional, pelo período de 5 anos, com material médico de procedência européia. Sem entrar no mérito da questão, fazemos votos para que, na parte referente a Anestesiologia, sejam cotados apenas os itens de que não dispomos.

A responsabilidade dos anestesistas, que tenham algum papel consultivo é bastante grande, ao tratar destas questões. Lembrem-se todos que temos certa dívida de gratidão para com aqueles que procuram produzir material de anestesia em nosso país, com espírito desinteressado e altruista, num setor altamente especializado, cuja margem de lucro é escassa ou duvidosa.

Bento Gonçalves